

Janusz Korczak

Uma vida em defesa da infância

SARITA MUCINIC SARUE



JANUSZ KORCZAK

Uma vida em defesa da infância

Copyright © 2022 by Sarita Mucinic Sarue

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Coordenação editorial: **Janaína Marcoantonio**

Revisão: **Mariana Marcoantonio**

Capa: **Luísa Gimenez**

Projeto gráfico: **Gabrielly Silva | Origem Design**

Diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Nada vos damos. Não damos Deus, porque a Ele deveis encontrar vós mesmos na própria alma, em esforço solitário. Não damos a Pátria, porque encontrá-la será pelo trabalho próprio do coração e do pensamento. Não damos amor humano, porque não existe amor sem perdão, e perdoar é sofrer e se esforçar, o que cada um deve enfrentar por si mesmo. Nós damos uma coisa: nostalgia de uma vida melhor, que não existe, porém um dia existirá; saudade da Verdade e da Justiça. É possível que esta saudade vos guie a Deus, à Pátria e ao Amor.

JANUSZ KORCZAK, em discurso anual que fazia aos formandos do orfanato

Dom Sierot

Sumário

1. O menino do orfanato	9
2. Henryk Goldszmit, um ser iluminado	19
3. O orfanato Dom Sierot	43
4. 1939 a 1942: o último caminho	73
5. Para sempre Korczak	107
Posfácio	119
Referências	123
Linha do tempo	129
Créditos das imagens	131

1. O menino do orfanato

Minha mãe e eu estávamos diante do portão de ferro do orfanato.

Eu tinha quase 7 anos, segurava a mão dela com minhas mãozinhas. Ela me disse: “Filho, chegamos”.

O portão se abriu e, à minha frente, vi um lugar grande e cheio de crianças brincando. Era um pátio! Um novo mundo.

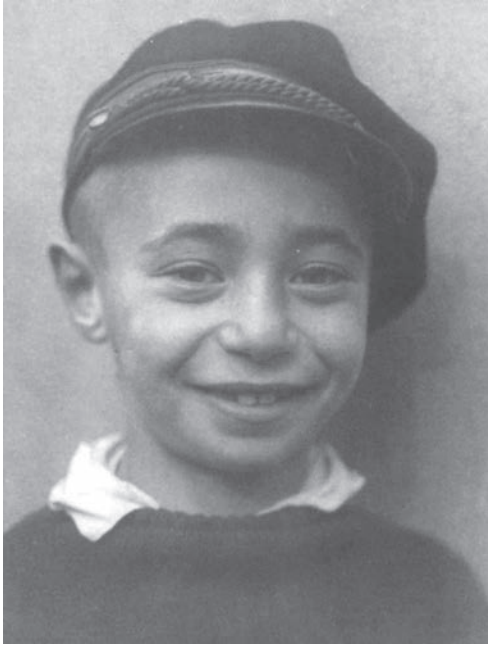
Bem ao fundo, avistei uma casa grande e luxuosa, com diversas janelas distribuídas pelos seus quatro andares. Ficava na rua Krochmalna, nº 92.

Era o orfanato judaico do doutor Henryk Goldszmit, mais conhecido como Janusz Korczak. De um lado da casa, havia uma fábrica; do outro, moradias populares. A região era predominantemente cristã.

Quando minha mãe ficou viúva, foi muito difícil para ela sustentar nossa família: eu e mais cinco irmãos, todos pequenos. Ela deve ter conversado com meus avós e outras pessoas para tomar a decisão de me mandar para aquele orfanato – que, aliás, era um lugar muito renomado.

Por que justamente eu, e somente eu, da minha família?

Primeiro, fora criada uma lei segundo a qual a instituição receberia apenas uma criança por família. Segundo, porque eu tinha quase 7 anos – a idade certa para me matricular. Outro motivo é que minha mãe ficava muito preocupada por eu ser magrinho e pequeno; ali eu receberia alimentação adequada e tratamento médico do doutor, além de uma boa educação. De qualquer modo, nesse dia, minha mãe me deu um banho, penteou meus cabelos, vestiu-me com uma roupa bonita, pegou firme nas minhas mãos e disse: “Vamos, Itzchakale (diminutivo carinhoso do meu nome), hoje iremos a uma nova casa”.



Itzhak Belfer

Por acaso ela me disse que eu ficaria lá?

Não me lembro.

Será que eu entendi o significado das palavras ditas por ela?

Não sei.

Com meus quase 7 anos, andei ao seu lado. Cruzamos o caminho até a entrada do orfanato. Quando a porta se abriu, subimos alguns degraus e logo avistei um grande e lindo salão.

Um homem de barba loira com tons avermelhados que enfeitava seu rosto, usando óculos redondos sobre seus olhos azuis e bondosos, nos levou para um pequeno quarto ao lado do salão. Nesse cômodo, havia uma mesa com duas cadeiras. Ele convidou minha mãe a se sentar e, depois de fazer o mesmo, logo me pôs em seu colo.

O homem e minha mãe conversaram entre si. No começo, não fiquei muito à vontade em seu colo. Ele era um estranho para mim, mas

senti que o calor do seu abraço me fazia bem e a sensação inicial de desconforto logo passou.

Comecei a brincar com a sua barba, que me impactara bastante – seria verdadeira? Como ela crescia daquela maneira? Ele não me contrariou. Aquilo não parecia perturbá-lo. Comecei a sentir segurança, a me sentir bem. Dei outro passo. Estendi as mãos e o abracei, apertando-o com força.

A curiosidade, até hoje minha característica mais marcante, ao lado da atitude paciente daquele homem, deu-me coragem. Encostei meu rosto no rosto dele e olhei ao redor através de seus óculos. Mesmo com essa atitude, ele continuou tranquilo.

Quando terminou a conversa, minha mãe me beijou e disse: “Eu vou para casa e você fica aqui”.

E eu fiquei. Com ele. Com o homem que me dera sua mão calorosa. E me senti bem. Não chorei. Não havia necessidade.

Ainda de mãos dadas com ele, fui apresentado ao meu tutor, Yossi – um aluno mais velho cuja tarefa era me levar para conhecer o orfanato, meus colegas e o modo como as coisas funcionavam.

“Você pode tirar todas as suas dúvidas com ele”, disse o homem. “Ele é o responsável por você e pelos seus atos. Você está isento de responsabilidades, mas procure se comportar de acordo com as regras”.

Nós três descemos para o banheiro. Rasparam meu cabelo, me deram um banho de chuveiro e me vestiram roupas novas.

Quando eu estava limpo, perfumado e relaxado, o homem acariciou meu rosto com sua mão bondosa, e meu tutor fez o mesmo. Depois disso, seguiu com seus afazeres.

A pessoa que me recebeu com essa dedicação, que me deu atenção nos meus primeiros momentos no orfanato, era o doutor Janusz Korczak.

“Senhor Doutor”, como o chamávamos.

O primeiro passo para minha adaptação foi dado quando meu tutor me levou para conhecer a casa. Percorremos os corredores, passando por todos os quartos e salas, e recebi instruções sobre como me compor-

tar em cada lugar. Não consegui aprender tudo de uma vez; afinal, era meu primeiro dia. Eu estava sobrecarregado de informações, animado e cansado.

Ao cair da noite, entendi que teria de dormir ali.

No andar superior do orfanato, havia dois grandes quartos. Um para meninos, com 51 camas, e, em frente dele, outro, para meninas, com 56 camas.

“Esta é a sua cama, você dormirá aqui. E não precisa ter medo: um abajur ficará aceso a noite toda. Um educador dormirá conosco, cuidará de nós e nos protegerá. Ele vai se aproximar e lhe dar carinho sempre que você precisar”, acalmou-me meu tutor.

Meus olhos se arregalaram de espanto. Uma cama só para mim! Com um lençol branco estendido sobre ela, um travesseiro e um cobertor.

As camas das crianças menores ficavam bem juntas umas das outras. Ficar perto dos amigos dava segurança. Para conversar, bastava olhar para o lado. Meu vizinho e eu começamos a conversar, rimos, trocamos experiências e revelamos nossos medos.

Quando o cansaço me tomou, virei para o outro lado e dormi. De qualquer modo, às 9 horas da noite apagavam-se as luzes; os abajures noturnos permaneciam acesos e um educador passava a noite conosco.

Um menino chorou; imediatamente, alguém veio confortá-lo. Ele recebeu palavras doces e carinho.

Meus vizinhos de cabeceira contaram muitas histórias do orfanato, e sempre havia coisas boas e reconfortantes para ouvir. Os meninos maiores, que dormiam em camas afastadas entre si, também contavam histórias encorajadoras.

Com o passar dos dias, fui me acostumando ao ritual noturno. Lentamente, me entregava ao sono e aos sonhos. Às vezes, uma música calma inundava os dois quartos. Outras, o “Senhor Doutor” nos contava uma história, circulando entre as camas, dando carinho para um, arrumando o lençol de outro. Se ele estivesse ausente ou ocupado, um educador o substituía. E sempre podíamos chamá-lo até o momento de apagar as luzes.

Cresci nessa casa, que fez por mim o que nenhuma outra escola no mundo conseguiria fazer com alunos como eu. Quando entrei no orfanato, eu era uma criança de quase 7 anos; saí de lá um adolescente de 15.

É sobre essa época interessante e maravilhosa da minha vida que eu quero que todos saibam.

O texto acima foi adaptado do livro autobiográfico de Itzchak Belfer (1923- 2021), *Bayit lavan be-‘ir aforah* [Uma casa branca numa cidade cinzenta], de 2014. Ele foi um dos alunos aprendizes do orfanato Dom Sierot, de Janusz Korczak e Stefa Wilczynska.

Belfer nasceu em uma família judaica ortodoxa e, quando tinha 3 anos, seu pai faleceu, deixando sua mãe e seus cinco irmãos em graves dificuldades financeiras. Eles viviam em situação de extrema pobreza na casa dos avós maternos em Varsóvia, na Polônia.

Belfer deixou o orfanato em 1938, época extremamente difícil para os judeus europeus. Com o avanço das ideias nazistas de exclusão dos grupos ditos inferiores, a desumanização tomou conta da Polônia. Com atitude e coragem, o jovem decidiu, junto com um amigo do orfanato, fugir para a União Soviética a fim de se alistar no Exército e lutar contra os nazistas. Antes, foi se despedir de Korczak. Este apoiou sua decisão de deixar o país e lhe deu um pouco de dinheiro para a viagem. Abraçaram-se e choraram. Esse foi seu último encontro com Korczak e Stefa.

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, com 22 anos e a adolescência roubada, Belfer voltou para sua cidade natal, que estava destruída. Não encontrou sua mãe, seus irmãos e avós. Todos haviam sido mortos nas câmaras de gás da indústria da morte nazista. Em 1945, embarcou num navio em busca de realizar seu sonho de emigrar para a Terra de Israel, a Palestina de então, sob domínio do Império Britânico. Infelizmente, o navio não pôde atracar no porto de Haifa, e os passageiros foram enviados para um campo de trânsito em Chipre. Após dois longos anos de espera, com o término do Mandato britânico, o jovem finalmente conseguiu entrar em Israel.

O estímulo que recebeu no orfanato para desenvolver seu lado artístico foi o impulso para que se tornasse um artista plástico de renome no país em que decidiu viver até sua morte, ocorrida em 2021. Belfer dedicou sua arte ao homem que sabia amar as crianças, o Senhor Doutor, como Korczak era chamado carinhosamente por seus pupilos. Além das pinturas e esculturas que produziu, publicou diversos livros infanto-juvenis. Proferiu palestras sobre a importância do respeito aos direitos da criança e ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Itzhak Belfer faleceu dormindo. Tive o privilégio de conversar com ele numa *live* do Memorial do Holocausto de São Paulo, e a oportunidade de ouvir a sabedoria de um homem feliz e agradecido por cada momento vivido no orfanato Dom Sierot. Seu último suspiro pode tê-lo levado ao encontro de seu mentor, Janusz Korczak, que sacrificou sua vida junto com Stefa, os outros educadores do orfanato e 200 crianças. Korczak, um homem à frente de seu tempo e reconhecido na Polônia por seus grandes feitos, poderia ter se salvado das garras do nazismo, ajudado por seus amigos poloneses. Mas preferiu marchar com seus protegidos, entrando nos vagões de gado rumo a um dos mais cruéis destinos da humanidade: o campo de extermínio de Treblinka, onde chegou em agosto de 1942.

A seguir, as palavras do último menino de Korczak, quatro meses antes de falecer, aos 97 anos, em janeiro de 2021. Ele me concedeu essa entrevista ao lado do filho Haim, por videochamada, em meio à pandemia de covid-19. O brilho do seu olhar e o sorriso largo expressavam amor e gratidão eternos a Korczak e Stefa pelo privilégio de ter passado a infância ao lado deles.

Antes de entrar no orfanato, minha vida era completamente diferente da que experimentei com Korczak. Eu vim de uma casa judaica ortodoxa e muito pobre. Minha mãe, meus irmãos e eu morávamos com meus avós maternos, que nos ajudaram depois que meu pai faleceu. Quando entrei no orfanato, fiquei surpreso com todos os cuidados dirigidos especialmente a mim. Era um outro mundo. Um mundo di-